

EDUCAÇÃO: CONCEITOS E VERDADES SOB SUSPEITA

Grandes descobertas através de um novo olhar¹

Márcia Elaine Catarin VIGNOTO²

O século XXI já começa mais documentado do que qualquer um dos anteriores, mas também é mais incerto para grande parte da humanidade do que o século XX. Embora a incerteza faça parte intrínseca do tempo que vivemos, embora seja parte do presente, há sociedades e povos inteiros que não estão preparados para enfrentá-la. Não há nada seguro sob o sol: encontramos-nos diante de uma nova forma de ver o tempo, o poder, o trabalho, a comunicação, a relação entre as pessoas, a informação, as instituições, a velhice, a solidariedade.

Francisco Imbernón

Resumo: O atual momento histórico, no qual podemos observar a total incerteza dos saberes, a tentativa de valorização tanto de questões individuais quanto coletivas, a perda da identidade social, a ausência de ética, entre outros fatos, leva-nos a buscar novos referenciais que possam fundamentar uma visão mais adequada de homem e de mundo. A sugestão de um paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente estaria abrindo caminhos para a tão necessária transformação social? Estas são as reflexões propostas por este artigo.

Palavra-chave: Formação de professores; mudanças sociais, provisoriedade; mudança paradigmática.

As grandes transformações mundiais exigem uma nova forma de pensar as relações existentes no cotidiano. Para não correremos o risco de nossas

¹ Agradecimento ao Prof. Pascoal Manfredi Neto pela revisão do artigo.

² Mestranda em Educação pela PUC-Campinas. Docente da FCEA-CEP.16015-280 – Araçatuba (SP)

Aveso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 14-27	Jun. 2003
--------------	-----------	-----	-----	----------	-----------

análises basearem-se na superficialidade dos fatos, um novo olhar faz-se necessário. Um olhar em forma de caleidoscópio, que é capaz de observar infinitas imagens ou possibilidades diante de minúsculos movimentos, como diz Hernández e Ventura³ (1996).

A certeza, que outrora sustentava tantas definições, é substituída por infinitas possibilidades. Tudo passa a depender do movimento que se faz, da intencionalidade por trás dos fatos, da forma como se pretende realizar o giro do caleidoscópio, que a cada deslocamento apresenta inúmeras visões de um mesmo conteúdo. Ninguém é dono de verdades absolutas, afirma Prigogine⁴ (2000), e isto é incontestável.

Uma das formas de se conseguir tal visão multifacetada, é tentar pensar sob o ponto de vista de outras pessoas e assim criar inúmeras incertezas diante de um mesmo fato.

Através de um olhar mais profundo na história da educação, percebemos a presença de paradigmas que outrora priorizaram ou a razão, ou a subjetividade. Atualmente percebemos a presença destes paradigmas, ainda de forma distinta, em muitas situações de sala de aula. Porém, podemos afirmar que há uma tentativa de equilibrar as importâncias, ou seja, considerar tanto a objetividade quanto a subjetividade, tanto o individual quanto o coletivo. Segundo Moraes (1997), saímos de uma época material para uma era das relações, baseadas nas teorias da relatividade e da física quântica. Isso poderá nos levar a um pleno desenvolvimento humano, caso as futuras gerações incorporem tantos os valores humanos quanto a ciência, como defende Prigogine⁵ (2000).

O paradigma educacional que não promove a percepção da complexidade das relações universais não é capaz de promover grandes transformações. Há que se buscar uma visão de homem e mundo cúmplices na arte de viver.

³ O livro de Hernández e Ventura relata a experiência da escola Pompeu Fabra, em Barcelona, na tentativa de organizar seu currículo por projetos de trabalho, visando o favorecimento de aprendizagens significativas.

⁴ A postura do novo educador é estar em constante desconfiança de si mesmo e de seus propósitos. Terá a dúvida como aliada...

⁵ Em seu artigo Carta às futuras gerações, Prigogine resgata a esperança ao afirmar que o interesse dos homens pela natureza e pela cultura nunca esteve tão presente quanto presenciamos hoje

Um exemplo desta forma de pensar pode ser observado no filme “Ponto de mutação”⁶, onde as personagens acabam por discutir e analisar uma visão holística de mundo. Completando esta idéia temos novamente Moraes (1997), afirmando que o indivíduo aprende usando a razão, o intelecto, a intuição, as sensações, as emoções e os sentimentos, ou seja, é um ser que deve ser compreendido em toda a sua complexidade. A busca de fundamentação na teoria da física quântica (paradigma científico) dá-nos a segurança de que o conhecimento está em processo, não pára, não tem fim, são reflexões seguidas de outras reflexões (abstrações empíricas e reflexivas).

Se a abstração empírica é importante, a abstração reflexiva é que providencia o verdadeiro conhecimento, através das relações entre as coisas.

Além do paradigma científico citado, as buscas de teorias do conhecimento e de aprendizagem, coerentes entre si, muito têm favorecido as questões educacionais (paradigma educacional emergente), pois traz a percepção de mundo holística, global e sistêmica, levando o homem e natureza a uma perfeita harmonia.

Voltando ao filme “Ponto de mutação” e observando a individualidade de cada personagem, fica claro que suas diferenças são determinadas pelo contexto social do qual fazem parte e das abstrações reflexivas que cada um realiza. Percebe-se que mesmo diferentes, respeitam-se mutuamente através do diálogo, da capacidade de discutir, debater, discordar e ainda assim convivem com prazer e satisfação. Na realidade, um buscando no outro a compreensão de homem e de mundo que lhe falta ou desconhece.

Vivemos num momento em que o poder continua decidindo o que tem valor, o que fascina. E é justamente pela capacidade de enfrentar esta ordem das coisas que devemos lutar, que temos o direito de nos educar. Necessitamos de um equilíbrio entre a formação tecnológica, humana e espiritual, mesmo que a princípio pareçam infinitamente distantes e, conseqüentemente, impossível caminharem juntas. Intuições, sensações, emoções e sentimentos têm o mesmo valor que a razão e o intelecto. Devemos

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 14-27	Jun. 2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	-----------

buscar o equilíbrio entre o emocional e o operacional.

Homem e mundo modificando-se mutuamente, com a intenção de garantir a sobrevivência de ambos: eis o pesado papel da educação.

A busca por novos referenciais que fundamentem, mesmo que temporariamente nossa maneira de viver, nossa forma de pensar e agir é que nos torna vivos e humanos. A mudança de uma visão mecanicista (visão política) para uma visão de mundo em que o ser humano seja respeitado em toda sua complexidade torna-se, neste momento histórico, uma forma de sobrevivência. Aproximar o aprendiz do seu processo de construção social do conhecimento e ao mesmo tempo assumir o papel de investigador (CAMARGO, 2000) são desafios para os atuais educadores, que foram formados por um currículo técnico-linear, portanto, impossibilitados, muitas vezes, de compreender a complexidade do mundo que os cerca.

Os atuais educadores devem aceitar o desafio do pensamento atual, o desafio da compreensão do presente, que muitas vezes se mostra sem rumo certo, porém, possível de produzir reveladoras surpresas e inspirações capazes de resultarem em bons frutos (BRUNI, 1993).

A sugestão de um paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente apresentado por Moraes (1997), coloca os educadores frente a indagações (ou surpresas) jamais feitas. Revela a existência de inúmeras respostas ainda para serem dadas, de desafios a serem vencidos e abre-se um campo de investigação capaz de levar os envolvidos no processo educacional ao deleite, quando os mesmos são verdadeiramente comprometidos com o ininterrupto processo de desvendamento dos seres humanos. Necessário torna-se a intimidade com as obras de Jean Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Seymour Papert e Howard Gardner, por exemplo, que tão brilhante-

⁶ O filme citado questiona a cientificidade do mundo. Suas personagens falam sobre a não linearidade dos conhecimentos, sobre questões holísticas e sobre o poder da ciência

⁷ Através do texto de Santos, podemos perceber a complexidade e o movimento contraditório de idéias, levando à imaginação sociológica, algumas perplexidades ou desafios.

⁸ Bifurcação é um termo utilizado por Ilya Prigogine, cientista de origem russa, recebeu o Prêmio Nobel de Química em 1.977. Em seu artigo "Carta às futuras gerações", no Caderno Mais, Folha de São Paulo (30 de janeiro de 2.000), o autor conceitua a História como uma sucessão de bifurcações, que traz em si, beneficiários e vítimas. Como exemplo destas bifurcações ele cita: a transição para a era neolítica, a divisão do trabalho, a escravidão, a descoberta de novos materiais na natureza e demais fatos capazes de transformas a sociedade através dos tempos.

mente realizaram seus papéis de investigadores do homem e de sua relação com o universo, do qual é parte integrante.

Acreditar que os indivíduos participam do seu processo de construção do conhecimento, que vivem em constante transformação de idéias, deixando assim de ser alguém passivo, apenas receptor de informações prontas, acabadas e verdadeiras há muito se faz necessário. Devemos, enquanto educadores comprometidos com a transformação social e com uma educação cidadã emancipadora, descrita por Schugurensky (2000), reconhecer a importância das relações sociais na vida destes indivíduos e identificá-los como sujeitos históricos, responsáveis por seu próprio caminhar e pelas conseqüências do mesmo. Devemos perceber que todos fazem parte do universo, de forma interdependente e inseparável, e que só sobreviverão mediante o resgate de sentimentos como solidariedade, compaixão, partilha e respeito mútuo.

Mas, que outros desafios ou bloqueios estão à volta dos responsáveis pela educação? Para tentarmos compreender um pouco mais as complexas relações que nos cercam, há que se filosofar, que se exercitar a perplexidade, desenvolver a capacidade de espanto e revolta como sugere Santos⁷, ou simplesmente acordar de nossa ignorância, como o fez Neo, personagem do filme “Matrix”, ao precisar exercer sua autonomia, optando entre o bem e o mal, entre a vida e a morte, não esquecendo das implicações universais que tal decisão (bifurcação)⁸ traria.

Algumas questões apresentam-se como inexplicáveis (ou como inaceitáveis): a primeira é sobre a necessidade de escolhermos entre a vida e a morte de pessoas (entre a lógica democrática e o mercado), uma vez que não há dúvidas sobre a supremacia de uma pela outra; a segunda questão é a inércia da grande massa da população, que ao longo da história vem assistindo à sua própria destruição, idealizada por uma minoria dominante.

Analisando as relações de poder e as inversões de papéis da classe dominada e da classe dominante através da história, não é possível encontrar lógica para compreender porque a escolha nunca foi pela “vida humana”. Muitas explicações para isso são encontradas em livros, mas não convincentes o suficiente para diminuir a indignação que faz-se necessária diante dos fatos.

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 14-27	Jun. 2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	-----------

Atualmente observamos inúmeras indagações sobre a questão da ética, que em nome do desenvolvimento tecnológico desaparece do contexto histórico. É fundamental que todos compreendam que a ética (ou a falta dela) está presente em nosso cotidiano, seja na mesa do café ao ingerirmos alimentos transgênicos ou contaminados, seja nos momentos de enfermidade quando podemos ingerir medicamentos falsificados ou alterados, nas relações de trabalho ao respeitarmos ou não os espaços e conquistas dos companheiros, nas ações dos políticos eleitos pelo povo, nas relações professor/aluno e no jogo de poder aí presente.

O que fazer para a restauração de uma ética voltada para o bem comum e não para o interesse do poder constituído? Poderá a educação reverter tal situação?

Talvez, se os educadores assumirem “a parte que lhes cabe neste latifúndio”, ou seja, participarem da formação de um sistema de redes, de bases populares capazes de denunciar publicamente tudo o que se apresenta impróprio para a realização da vida humana, tudo o que representa o poder explorador (Foucault 1979).

O educador que optar por trabalhar o conhecimento como processo social deverá iniciar a busca pela ética em seu próprio quintal. Nota-se as mesmas guerras pelo poder em todos os níveis, como por exemplo: professor/aluno, professor/professor, professor/coordenação, coordenação/direção, direção/direção, direção/supervisão, supervisão/diretoria, diretoria/secretaria, só para citar alguns. Ao chegarem nas universidades, os conflitos parecem guerra entre Titãs.

Como podemos repensar as saídas para a universidade enquanto instituição social, como sugere Trindade (2000), se o valor da ética encontra-se tão debilitado?

Não são apenas a ciência e os cientistas que estão a serviço do po-

9 Tomaz Tadeu da SILVA, em Identidade e Diferença, fala de identidade sob a forma de relação social de poder, que tem a ver com a exclusão e a inclusão de pessoas na sociedade. Afirma que fixar determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. Diante disto, algumas perguntas tornam-se necessárias: até que ponto devemos lutar pela não destruição de identidades? Até que ponto a perda de identidade, responsável pelo aparecimento de novas modas, é prejudicial? Onde está o limite entre o direito às novas formas de manifestação e o prejuízo trazido por estas mesmas manifestações (gangues, torcidas organizadas, entre outras) à sociedade? Até onde permitir? A partir de onde reprimir?

der constituído. Em todas as instâncias sociais a ética está comprometida, muitas vezes em nome da sobrevivência, condição esta imposta pela própria lei de mercado. Portanto, qualquer crítica à falta de ética deverá levar em consideração a complexidade do tema, para não correr o risco de produzir conclusões levianas.

Se a questão da ética não passar a fazer parte de grandes debates, o conhecimento e a sabedoria jamais serão garantias de um futuro melhor.

Outra questão que merece atenção e espaço para debate e reflexão é a relacionada à busca e perda da identidade na sociedade. Duas opiniões divergem com relação a este tema. Uma afirma ser fundamental a manutenção de identidades, pois assim estaria garantida a memória do povo, que dificultaria ou impediria a manipulação das pessoas pela mídia, por exemplo, que se aproveita desta perda de identidade para impor determinadas modas (novos ídolos, novas posturas éticas, que representam a passividade e a falta de visão crítica e política do povo). De acordo com este ponto de vista, manter algumas formas organizadas de ver o mundo contribuiria para a promoção da vida e do ser humano. Uma outra análise sobre o assunto nos faz pensar em identidade⁹ enquanto relação de poder, que inclui ou exclui pessoas ao determinar quais grupos deverão sobreviver e quais deverão extinguir-se, quais identidades são “do bem” e quais são “do mal” (como gangues, torcidas organizadas, que teriam se formado a partir da perda de identidade, o que fez com que as pessoas se identificassem com novas modas). O espaço escolar deve favorecer tais discussões, pois são momentos de exercício de cidadania.

Bruni (1993) ressalta que estes são desafios que a educação não pode negligenciar, mesmo que o atual momento histórico se apresente rápido demais e conseqüentemente imprevisível. Mesmo que a realidade dificilmente nos empolgue ou surpreenda.

O que se espera dos profissionais da educação é a proximidade crítica aos desafios que se apresentam. Para tanto, a formação política dos mesmos é algo a ser priorizado.

Ao analisarmos os desafios colocados por Santos¹⁰, temos a certeza

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 14-27	Jun. 2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	-----------

de que a formação dos educadores deve passar por inúmeras mudanças, pois são eles (ou pelo menos deveriam ser) os grandes mediadores críticos nos debates sobre a realidade social. Compreender questões econômicas mundiais, as conseqüências da globalização na ordem neo-liberal, a contradição entre a valorização do indivíduo e sua falta de individualidade ao mesmo tempo, a contradição entre a falsa democracia imposta pelas grandes potências e a democracia ideal, entre o individual e o coletivo exige do educador uma consciência altamente crítica e uma participação social ativa. Todos estes desafios estão associados às questões educacionais, como por exemplo: a pouca verba destinada à educação, a ausência do Estado na garantia de necessidades básicas como saúde, educação e moradia (Estado mínimo), a educação sugerida pelos PCNs, que de certa forma padroniza o trabalho a ser realizado ignorando as individualidades, a imposição da nova LDB, impregnada do espírito neo-liberal e que contradiz a busca por uma democracia participativa, tão defendida por Saviani (2000). Ainda como exemplo de como tais desafios interpenetram nas questões educacionais, podemos citar o grande interesse em se criar um determinado tipo de homem que corresponda às expectativas do mercado atual, capaz de corresponder aos interesses e à intencionalidade de determinada classe dominante e capaz de perpetuar determinada ideologia tida como universal e inquestionável.

Podemos observar muitas contradições nas intenções da atual realidade social: a globalização por um lado e a força que as questões locais (micro) estão adquirindo por outro, a visão neo-liberal por um lado e o retorno ao humanismo do outro, entre outros exemplos. A impressão que se tem é que estamos diante de um momento sem rumo, sem paradigma. Resta-nos a esperança de que tal situação possa resultar em maiores inspirações, como sugere Gomes (1996), uma vez que não podemos mais seguir à risca os cânones de um outro tempo.

De que forma os responsáveis pela educação poderão encontrar formas mais adequadas de respeito à pessoa humana e a toda sua complexidade?

Avesso avesso	Araçatuba	v.I	n.1	p. 14-27	Jun.2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	----------

O caminhar para uma democracia participativa, na qual “nunca mais” crianças morram por falta de condições mínimas de vida, “nunca mais” mulheres sejam violentadas em seus direitos, assim como as minorias étnicas, “nunca mais” haja ditadura e ditadores, assassinatos e genocídios, exige no mínimo muita coragem e determinação. Talvez a mesma coragem e determinação de Chico Mendes e tantos outros que pensavam o dom da vida como algo coletivo e não particular.

Qual educador que não sonha com a tal democracia participativa, na qual os valores como liberdade, igualdade, humanidade e criatividade serão capazes de “fazer o outro viver” com dignidade?

Para isso ele deverá, intencionalmente como diz Corazza (1997), antagonizar com o currículo oficial e com o discurso único aprovado, que prioriza determinados saberes em detrimento de outros, que exacerba na valorização de conteúdos escolhidos e tidos como fundamentais para a formação do homem (escolhidos através de critérios hoje questionáveis). Um currículo que está longe de promover a consciência crítica dos alunos, pois não reconhece as demais formas de expressão popular como válidas para uma boa formação da pessoa humana.

Ao antagonizar intencionalmente com o currículo oficial, o educador (com visão crítica e não romantizada) deverá ser capaz de criar espaços de debates, confrontos, questionamentos, dúvidas e ter, como uma das prioridades, a destruição do pensamento hegemônico enquanto processo cultural totalizador, que leva as pessoas a usarem as mesmas coisas, acreditarem em determinadas verdades (ou pseudo verdades), desprezarem outras e a valorizarem determinados saberes e ignorarem outros. Deverá questionar a conformidade e a banalidade, tidas como características da pós-modernidade (CASTORIADIS, 1992)

Neste momento, lembremos da LDB (criada de cima para baixo) com seu espírito neo-liberal, no qual a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar à sua semelhança, e façamos um paralelo com o atual discurso do governo, através do slogan “Educação para todos”, veiculado em toda a imprensa nacional. Nada mais contraditório e enganoso.

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 14-27	Jun. 2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	-----------

Percebemos, atualmente, um único discurso, que parte de todos os envolvidos com a questão da educação. Do presidente do país ao professor melhor intencionado, a idéia é a mesma: formação de um cidadão crítico, ético, político, participativo, criativo e com todos os demais bons adjetivos que possam ser lembrados.

Pois bem, quem está blefando? Quem, realmente, está munido de “boas intenções”; realmente comprometido com uma profunda mudança paradigmática, capaz de respeitar o homem em toda a sua complexidade, como nos esclarece Moraes (1997), ao falar das contribuições da lei da física quântica e da relatividade?

Uma visão de mundo fragmentado (como as disciplinas oferecidas nas escolas) já não corresponde ao momento histórico que estamos vivendo. Porém, não devemos buscar o conhecimento interdisciplinar ou globalizado, como defende Hernández e Ventura (1996), apenas como uma forma de estar em sincronia com o atual discurso, justificando que: a globalização existe, é real; estamos no meio da democracia liberal (neo – liberal); não se pode nadar contra a maré; o conhecimento também deve ser globalizado; não há espaço no mercado de trabalho para quem não for educado segundo os mandamentos da ordem mundial atual. etc.

Tudo vai depender, certamente, da intenção atrás dos fatos e necessitamos compreendê-los profundamente.

A todo momento aparecem bifurcações sociais, que são sinais de que a sociedade permanece em sua tentativa de mudança, na busca por novos caminhos, como afirma Prigogine (2000). Sabendo-se que toda bifurcação tem benefícios e vítimas, qual nosso papel enquanto educadores diante dessas bifurcações? Qual serão os resultados? Em qual de seus ramos nos encontraremos?. Estaremos do lado da bifurcação que expressa o desejo por uma sociedade mais justa?

¹⁰ São cinco os desafios citados por Santos: com relação ao problema econômico dos países e o fato da Sociologia, nos últimos anos, estar desvalorizando o econômico em detrimento do político, do cultural e do simbólico; com relação à contradição entre a globalização que retira do Estado muitas responsabilidades e a presença deste mesmo Estado a regulamentar a vida das pessoas; com relação à contradição entre a valorização centrada no indivíduo e na sua falta de individualidade ao mesmo tempo; outro desafio consiste na contradição existente na busca e imposição da (falsa) democracia por algumas instituições (Banco Mundial, por exemplo) a todos os países e a real situação da democracia (apatia, conformismo); o último desafio é com relação à contradição entre o individual e o coletivo.

Necessitamos compreender igualmente a complexidade entre as infinitas relações existentes no universo do qual somos parte, pois os problemas são interdependentes uns dos outros. É de nossa responsabilidade a construção de uma sociedade que incorpore, nas mesmas proporções, valores humanos e ciência (mas não uma ciência a serviço do poder constituído, como foi utilizada na Guerra do Golfo, por exemplo, pelos EUA e que atualmente reapresenta-se contra o Afeganistão). Se o desafio é conviver com a globalização e o respeito pela pluralidade cultural, nosso trabalho enquanto educadores certamente está atrasado (ou do lado menos ético e menos comprometido da bifurcação).

Um verdadeiro educador, mesmo não sendo responsável diretamente pelas grandes transformações sociais, participa delas e necessita realizar algumas escolhas/decisões, sempre políticas, de como conduzir seu trabalho. Faz-se necessário que suas escolhas sejam éticas a ponto de duvidar constantemente daquilo que acredita para proporcionar condições de um aprendizado baseado na construção de conhecimento, sem verdades acabadas.

Observando as causas da falência do ensino (sem fazer distinção entre as escolas estaduais, municipais e privadas), nota-se claramente a complexidade entre as infinitas relações existentes no universo do qual somos parte, pois os problemas são interdependentes uns dos outros e não podemos deixar que a velocidade com que o desenvolvimento ocorre possa prejudicar a percepção dos fatos.

É para compreender e transformar esta realidade que necessitamos de uma educação tão complexa quanto os problemas que ela tenta solucionar. É para que as pessoas tenham competência para enxergar o “todo”, que necessitamos de uma educação que entenda a questão social, econômica, cultural, antropológica, biológica e histórica, entre outras. Uma educação que não se restrinja à busca de soluções pedagógicas, mas que propicie uma democracia participativa e popular, como sugere Sacavino (2000).

¹¹ *Giuseppe Arcimboldo, pintor italiano que provavelmente nasceu em Milão por volta de 1527, retratava o individual e o coletivo, a razão e a emoção em dois de seus quadros: Eva e a Maça, com Seu Complemento (1578). Ao analisar suas obras, pode-se dizer que, tal como Platão, ele via o universo inteiro (homens, animais, plantas) como uma unidade e pintou seus quadros tendo em mente esta idéia.*

O que fazer para vencermos esta política educacional fragmentada (que todos dizem não querer mais, mas que ainda resiste), que não considera o aprendiz como o centro de referência?

Qual deve ser a intenção do verdadeiro educador ao oferecer possibilidades ao aluno de construir conhecimentos complexos? A intenção é de preparar o cidadão para enfrentar os desafios do mercado de trabalho ou para que ele tente transgredir a ordem vigente?

O que fazer para revertermos a visão de homem e de mundo que são impostas pelo modelo neo-liberal e sua fórmula: um máximo de liberdade econômica, combinando com o respeito formal aos direitos políticos e um mínimo de direitos sociais. Como ficam nossas opções e decisões educacionais em meio a tudo isto? Não deveriam os educadores trabalhar mais as questões culturais a fim de servirem de base para a organização dos novos movimentos sociais, capazes de uma mobilização individual baseada na ética e justiça e num poder social baseado na mobilização social contra as privações e exclusões, tão claramente explicitado por Sacavino (2000)?

Acredito que a educação possa contribuir para mudar o curso das coisas (apesar de não ser a redentora), desde que se opte por uma visão adequada e coerente de homem e de mundo, que favoreça o seu crescimento e seus direitos humanos. Um modelo educacional baseado no paradigma indicado por Moraes (1997), que seja construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente e que incentive a formação e a participação do indivíduo nos novos movimentos sociais apresentados por Sacavino (2000), provocaria significativas modificações na atual realidade, resgatando o bem-estar material, cultural e a qualidade de vida.

Necessitamos de educadores que sejam filósofos, pensadores, seres críticos, participativos, capazes de conviver não só em harmonia, mas também em discordância. Necessitamos de uma educação que não seja fragmentada em disciplinas, e aqui temos um grande desafio, como afirma Veiga-Neto (1997), Precisamos urgentemente de uma proposta educacional que encare o aprendiz como um sujeito que faz parte do seu processo de cons-

trução do conhecimento, responsável pelas opções que determinam o futuro da própria vida e da vida das demais pessoas com quem convive. Enfim, uma proposta capaz de proporcionar consciência individual e coletiva¹¹, capaz de criar uma pessoa crítica e cidadã, que possa tomar decisões tendo em vista o bem da coletividade.

VIGNOTO, Márcia Elaine Catarin. Education: concepts and truths under suspicion. **Avesso do Avesso: Revista de Educação e Cultura**, Araçatuba, v.1, n.1, p.14-27, jun. 2003.

Abstract: The present historical moment, in which we can observe a total uncertainty of knowledge, an attempt of valorizing both individual and collective matters, the social identity loss, the absence of ethics, among other factors, leads us to search for new referentials which can ground a more adequate vision to men and of world. Would the suggestion of a constructivist, interactionist, sociocultural and transcendental paradigm be giving ways for the so necessary social transformation? Those are the proposed reflections in this article.

Keywords: Formation of teachers; social changes; provisiory; paradigmatic change.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNI, José Carlos. O presente como desafio. **Cadernos CERU**, n. 4, 1993.

CAMARGO, Dulce Maria Pompêo de. "Conhecimento escolar: o mito da fronteira entre a ciência e a cultura". In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CASTANHO, Maria Eugênia L.M. (orgs.) **Pedagogia universitária: a aula em foco**. Campinas: Papyrus, 2000.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CORAZZA, Sandra Mara. "Planejamento de ensino como estratégia de política cultural". Em: MOREIRA, Antonio Flávio B. (org): **Currículo: ques-**

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 14-27	Jun. 2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	-----------

- tões atuais. Campinas: Papirus, 1997. p. 103-143.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOMES, Plínio Freire. **A musa sem paradigmas**. São Paulo: USP, 1996, p. 49-59.
- HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1996. 199p.
- MORAES, M.C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997. p.13-27.
- PRIGOGINE, Ilya. Carta às futuras gerações. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 jan. 2000. Folha Mais.
- SACAVINO, Susana. “Educação em direitos humanos e democracia”. In: CANDAU, V.M.; SACAVINO (orgs). **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 37-71.
- SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SAVIANI, Dermeval. **A Nova Lei da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2000.
- SCHUGURENSKY, Daniel. “Globalização, democracia participativa e educação cidadã: o cruzamento da pedagogia e da política pública”. In: SILVA, Luiz Heron (org). **Século XXI: qual o conhecimento? qual o currículo?** Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TRINDADE, Hégio. “Universidade, ciência e estado”. In: TRINDADE, Hégio (org). **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VEIGA-NETO, Alfredo. “Currículo e Interdisciplinaridade”. In: MOREIRA, Antonio Flávio B. (org). **Currículo: questões atuais**. Campinas: Papirus, 1997.